

Entre *Arminhos e Orchideas*: As Relações Amorosas no Jornal *Morena... Jornal das Moças*

Ajanayr Michelly Sobral Santanaⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

Charliton José dos Santos Machadoⁱⁱ 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil

1

Resumo

O presente artigo analisa as relações amorosas na década de 1930 em Campina Grande-PB, presentes no jornal *Morena...Jornal das Moças*. Através de bilhetinhos, recadinhos e poemas, buscamos perceber as intimidades de tais relações a partir do amor visto pelo flerte. Onde aparecia a paixão? Onde se pretendia o casamento? O que sentia e pensava sobre o amor? Discutiremos as marcas deixadas através dos sentimentos, com temas ligados ao casamento, privacidade e os lugares de sociabilidades que possibilitaram tais namoros e “flertes”. A partir do estudo da História das Sensibilidades, que se traduz em “sensações e emoções”, exporemos segredos, intimidades, suspiros, ternuras, paixões e paqueras autoras traduzidas nas relações amorosas de jovens apaixonados.

Palavras-chave: Sociabilidades. Imprensa. Feminino.

Between *Arminhos and Orchideas*: Relationships in the newspaper *Morena...Jornal das Moças*

Abstract

This article analyzes the love relationships in the 1930s in Campina Grande-PB, present in the newspaper *Morena...Jornal das Moças*. Through notes, and poems, we seek to understand the intimacies of such relationships from the love seen by flirting. Where did the passion appear? Where was the wedding intended? What did you feel and think about love? We will discuss the marks left through feelings, with themes related to marriage, privacy and the places of sociability that made such dating and “flirting” possible. Through the study of the History of Sensitivities that translates into “sensations and emotion”, we will expose secrets, intimacies, sighs, tenderness, passions and flirtations that were formerly translated into love relationships of young people in love.

Keywords: Sociability. Presse. Feminine.

1 Introdução



O presente artigo apresenta uma discussão acerca das relações amorosas na imprensa campinense nos anos 1930, através de poemas, bilhetinhos e recadinhos publicados no jornal *Morena...Jornal das Moças*. Esse impresso foi dirigido por Nortou Milino, sendo editado o seu primeiro número no dia 18 de dezembro de 1932. Localizamos 11 exemplares, entre os anos de 1932 e 1933, e tinha como público alvo moças e rapazes enamorados. Suas 4 páginas eram constituídas por pequenas informações, recados e dizeres, distribuídas entre: poemas, poesias, mote, glosa, acrostico e publicidades. Dentre as colunas analisadas: Quadros Quadrados; Pontos de Vistas; Por trás do Pano; Batuca Acadêmica; Pedacos; Pasmem; e Sorriso e Cupidos.

Nas suas narrativas expressavam modelos descontraídos para anunciar “paqueras”, “fletes” e “namoros”, se utilizando da sagacidade e do escárnio para compor seu quadro de notícias, intrigas e burburinhos sobre a elite campinense. Para tanto, através do riso, que “[...] pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia” (MINOIR, 2003, p.03), que os editores e colaboradores do jornal receberam as notícias de suas manchetes pelos/as seus/suas leitores/as.

Assim, vejamos como esse impresso se direcionava para as leitoras: “desejo transportar, religiosamente, para as suas colunas, a graça, o enlevo e a doçura das nossas lindas garotas, ao lado dos seus segredinhos, que elas não se importam quando a gente descobre” (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 18.12.34, ano I, número I).

Esse jornal nos ofereceu um conjunto de discursos dos mais variados sobre o feminino e as relações amorosas presentes nas suas narrativas. Desta apropriação do espaço do jornal tecidos pelos “enamorados”, convergimos para a necessidade de se compreender o uso desse lugar como uma poética, compreendendo os desvios de intencionalidades (re) figurados por esses atores históricos nas maneiras de utilizarem desse espaço para se expressarem, em forma de escrita, suas paixões.

As personagens desses enredos enamorados foram divididas entre: as que foram consideradas como “casadoiras”, que quase sempre eram moças anônimas, que não poderiam vincular seus nomes e imagens nesse jornal, pois precisavam lutar cotidianamente pelos preceitos normativos de “comportamentos castros, puros e





maternais” (CAVALCANTE, 2000, p. 122) que lhes eram infligidos por uma sociedade sempre vigilante as suas práticas em espaços públicos. E as consideradas “moças de família”, que não apenas tiveram seus nomes impressos nesse jornal como mereceram elogios por suas belezas e ampliaram as possibilidades e formas de poder participar desses espaços através de seus “namoros” no jornal.

Contudo, não foram apenas às mulheres “vigiadas” em espaços públicos, atitudes masculinas também mereceram destaque nesse jornal, quando algum jovem fazia suas “escapulidas” pelas ruas dos subúrbios da cidade: “João Mouro, <<crianço rosado>> estava fazendo graçolas, á meia-noite, no pavilhão do churrasco, experimentando as bainas (sic) das meigas garçonetes. Bichinho tenha cuidado” (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N.1). Desta forma, é que percebemos como a imprensa foi vigilante com alguns comportamentos e atitudes de jovens, considerados “não aceitáveis” para uma cidade que se queria moderna através do seu desenvolvimento urbano e cultural (SOARES; VIANA, 2016)

Por esta razão, faremos uma breve relação dos namoros às mudanças ocorridas na cidade e aos discursos e imagens produzidos no âmbito intelectual jornalístico, dando-lhes características singulares que fizeram do jornal um lugar de múltiplas práticas, relações amorosas e conflitos. Para tanto, discutimos brevemente a modernização em Campina Grande, sobretudo nos anos 1930, período no qual esta foi sentida de forma mais intensa, acompanhada por transformações urbanas e sociais¹.

Na cidade de Campina Grande, em meados do século XX, a modernização urbana, favorecida pelo contexto do desenvolvimento da produção algodoeira, possibilitou que seus habitantes vivenciassem um clima de vanguarda, inspirada pelos discursos progressistas, proporcionados pelos governos municipais e apoiados pelas elites locais, alterando as relações sociais da cidade.

¹ Alguns trabalhos foram produzidos sobre o processo de modernização em Campina Grande, levando em consideração as mudanças ocorridas nas esferas públicas e privadas bem como enfocar também os lazeres da população campinense nas décadas de 1930-40. Ver os trabalhos: Souza (2002) e Sousa (2006).



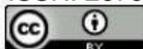


Apesar do trem, do cinema, da energia elétrica chegar à Campina Grande nas duas primeiras décadas do século XX, foi especialmente a partir dos anos 30 que sua modernização urbana teve início, com mudanças significativas no governo do prefeito Vigneaud Wanderley, trazendo novas cartografias e mudanças no cotidiano e na vida das pessoas.

As elites comerciais, juntamente com grupos políticos que atuavam na cidade criaram novas instituições – praças e clubes sociais – como espaços de sociabilidades. Tais mudanças estruturais afirmavam a Rainha da Borborema como uma cidade avançada e com um estilo de vida moderno. Os costumes e os comportamentos cotidianos da cidade passaram a se inserir nas preocupações da administração pública e, de intelectuais, buscavam traduzir nas folhas dos jornais os modos de bem civilizar-se.

Os jornais serviam como divulgadores da modernização e do que era ser moderno na época, através de propagandas de artigos de luxo, diversão e lazer. Assim, a leitura de jornais era um hábito comum entre os habitantes da “alta sociedade” campinense, juntamente com o rádio. Tentando convencer os ávidos consumidores, os proprietários das lojas e butiques aproveitavam os espaços de comunicação para divulgar os seus “artigos novos e de luxo”. Assim, “a publicidade surgiu como uma possibilidade de comunicação própria das cidades modernas” (CHAGAS, 2010, p.43).

Essas novas formas de sociabilidade alteraram significativamente a vida da população campinense. Tais mudanças foram acompanhadas pelos códigos de comportamentos e regras de sociabilidade, incorporadas pela elite, modificando os espaços de viver da população, que considerava os novos hábitos sociais empreendidos pelo processo de modernização (FANTIN, 2017; ARAÚJO; SOARES, 2019; CAXILE, 2019). Para tanto, cabia aos letrados e intelectuais à tarefa de divulgar, através de crônicas ou propagandas de jornais “as cores que o discurso moderno pretendia” (SOUZA, 2002, p. 116).





Em meio a esse contexto as novas formas de namoro vão surgir no espaço público campinense: os passeios, os cafés nas cafeterias, os encontros nos Largo da Flórida², as rodas de conversas e discussões nos clubes literários, as idas ao cinema e as rádios que permitiram um contato mais frequente entre rapazes e moças.

O mais frequente entre esses espaços foram os clubes sociais, estes serviram por muito tempo como espaços de sociabilidades, onde os/as campinenses desenvolviam suas atividades de lazer e diversão. Nas dependências dos clubes havia várias comemorações, sendo o carnaval a mais popular delas.

Como exemplo, tem-se o Campinense Clube fundado nos anos 1920 e que passou a empolgar a vida social da elite campinense por décadas. Era conhecido como o “mais elegante” e o mais “aristocrático” da cidade e, conseqüentemente, o mais “seletivo” dos clubes. No Campinense tinha uma grande participação de jovens, com direito a uma diretoria voltada para proporcionar eventos que mais atraíam os mesmos. Assim é que foram realizados diversos bailes, que possibilitavam os rapazes dançarem de rosto coladinho com as moças (SOUZA, 2002, p.221).

Através desses lugares de sociabilidades que procuramos compreender os espaços de trânsito de moças campinenses na vida pública na década de 1930, partindo do pressuposto de que as matérias vinculadas no citado impresso revelavam-se como parte integrante dos seus cotidianos, entre bailes nos clubes sociais e passeios nas ruas da cidade, demarcando uma visibilidade feminina e (re) configuração suas inserções em espaços públicos no período abordado.

2 Metodologia

² O Largo da Flórida, hoje Calçadão, se localiza no centro de Campina Grande, na Rua Cardoso Vieira com a Rua Marquês do Herval, sendo um dos principais pontos de acesso às várias ruas do centro comercial desta cidade. Na entrevista, Josué Sylvestre (entrevista concedida à autora em: 10 nov. 2013) destacou esse lugar como um espaço para falar sobre política, esportes e religião, entre aqueles que se interessavam por estas discussões, onde “paravam” para discutir e saber dos assuntos referentes ao que acontecia na cidade e/ou as notícias que viraram manchetes nas páginas de jornal.





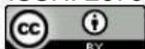
Nossa principal fonte de pesquisa foi o jornal *Morena...Jornal das Moças*, em que analisamos as relações amorosas presentes nesse impresso, as intencionalidades e as intrigas³ que foram construídas em torno dos namoros e dos flertes entre as moças e os rapazes campinenses. Esse jornal foi localizado no Arquivo Biblioteca Atila Almeida (UEPB), em meio às pesquisas da Especialização em História Cultural (UEPB), onde buscávamos informações das discussões produzidas sobre o feminino na imprensa campinense entre as décadas de 1930 a 1950⁴.

Neste espaço público do jornal questionamos, principalmente, as falas que delimitaram os tradicionais papéis femininos que, segundo Bazzanezi (2008, p.608-609): “A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupação doméstica e o cuidado dos filhos e maridos – e das características próprias da feminilidade como instinto materno, pureza, resignação e doçura”. Desta forma, dialogamos de como a imprensa foi um espaço em que as mulheres puderam transitar através de suas imagens, namoros ou mesmo de suas escritas, mas sem desassociar de suas imagens belas, recatadas e do lar.

Para tanto, esse artigo investiga a teia discursiva que foi produzida sobre as relações amorosas entre os/as campinenses, e de como a imprensa se apropriou desses burburinhos para compor seu quadro de matérias e notícias. Também, nessa mesma imprensa, estiveram expostos os mais variados cenários em torno do cotidiano de seus habitantes, que representou a cidade nas suas transformações sociais e culturais, que resinificaram as relações entre homens e mulheres. Para que isso fosse possível, algumas informações foram importantes quando se faz pesquisas se utilizando de jornais, tais como afirmou Tânia Luca (2005, p. 116): “publicação, tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros”, que norteiam a produção jornalística.

³ Para Regina Guimarães Neto (2012, p. 31), “(...) há intriga todas as vezes que a história reúne fragmentos e dá sentido à diversidade, porque intriga (como atividade literária) cria efeito de coesão e torna possível o relato histórico, em que circunstâncias, objetivos, fins e acasos das ações de homens e mulheres adquirem novos significados”.

⁴ SANTANA, 2012.



3 *Morena...Jornal das Moças*

Entre Arminhos e Orchideas

Hilda Holanda

A gente se sente bem quando ela passa. Tão linda! Tão simples! Com aquele chapéu de abas longas e aquele vestido de um azul muito claro... Eu cismo, humildemente, ante o seu perfil. Seus olhos parecem viver num eterno sonho de amor, e a gente tem até medo de olha-os para não os despertar. Como antigamente faziam as adoradoras de Diana, que um dia de festa iam levar-lhe flores e incenso no templo, em Epheso, eu quizera numa noite muito clara e estrelada levar-lhe flores e perfume... A sua imagem está gravada num cantinho do meu cérebro; e eu, a todo momento, contemplo-a com adoração, cada vez mais supresso ante a perfeição helênica de suas linhas e a soberba pureza de cores. É como se fosse uma tela de um valor bem raro, sublime na sua estática inconfundível no seu brilho.

Gil. (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N. 1, s/p).

A ampliação dos meios de comunicação como o jornal, possibilitou uma maior visibilidade e dizibilidade feminina. Como consequência, as moças foram sendo apresentadas como figuras “simpáticas” e prendadas, símbolo de beleza e graça da mulher campinense. Tais símbolos de beleza eram reservados as moças da elite da cidade, haja vista que as classes populares eram excluídas das páginas sociais, tendo reservadas para estas apenas as notícias no âmbito policial⁵. Eram elas as “moças de família”:

A gente gosta de vê:

- As maneiras buliçosas de Yone Farias.
- A simplicidade natural de Carmem Eloy.
- Os olhos terríveis de Brigida Honório.
- A perfeição das formas Hilda Holanda.
- O sorriso simples e penetrante de Alice Mendonça.
- O soberbo perfil grego de Eurides Nogueira.
- A requentada amabilidade de Lourdes Mendonça.
- A gracilidade de Ida Pedrosa.
- O porte elegante de Avany Vieira.
- O delicioso sorriso de Zezé Cavalcanti.

(MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N.1).

Para tanto, havia em Campina Grande, entre as décadas de 1920 a 1950, um predomínio de famílias tradicionais, em regra ligadas ao comércio e a política, representantes das classes mais abastadas. Assíduas frequentadoras dos clubes sociais,

⁵ Sobre os discursos de mulheres das classes populares consideradas “desviantes” e “desordeiras” na imprensa campinense nas décadas de 1960-1970: Severino (2006).

essa elite ocupava as páginas dos jornais e revistas “figurando ainda nas colunas sociais e/ou nas rodas de fofocas dos jornaizinhos de festas do final de ano”. Além de se notabilizarem nas colunas sociais, representavam os valores e a estética de uma “sociabilidade clubística” (SOUZA, 2002, p. 220).

Acompanhadas ou não por fotografias, as moças dessa elite campinense eram tidas como “doces e encantadoras”, pura personificação de beleza e da ingenuidade. Esses atributo femininos eram estimulados e difundidos pelos jornais. Eram tais moças recatadas que recebiam versos eufóricos, que eram alvo de tantos poemas lacrimosos, saudosistas, melancólicos e discursos eloquentes de namorados e/ou admiradores.

Assim, as mulheres se constituíam no assunto preferido do *Morena...Jornal das Moças*, onde ele abriu espaço para que os corações enamorados ou despedaçados pudessem expressar seus sentimentos. Muitos desses românticos “poetas” do jornal usavam pseudônimos, para se declararem às suas amadas, sem despertar a vigilância dos pais. É o que podemos perceber na seção *Entre Arminhos e Orchideas*:

N.C.

São dos poemas de amor
Teus lindos olhos, menina.
E a gente fica dizendo:
Que linda Flôr de Bonina!
Eu.

(MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N.1, s/p).

Acrostico H.T.S

Há no teu riso gentil,
Entre tantas cousas mil,
Lábio que sabem prender,
E, por isso, é meu desejo,
Nesse palácio do beijo,
A vida inteira viver
Si-mões.

(MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N.7, s/p).

Em muitos dos poemas ou dos recadinhos há a construção de um amor idealizado, que também ajudava a moldar uma imagem feminina ideal. Assim, foram construídos estereótipos para as mulheres nesse jornal, através de notícias que expuseram acima de qualquer outro atributo suas características físicas. É o que podemos

perceber na coluna regular intitulada “*Loura ou Morena?*” (outra coluna regular que trouxe essas características foi o “*Perfis Femininos*”), pergunta essa que se fez presente nas primeiras páginas das edições do jornal *Morena...Jornal das Moças*, apesar do próprio jornal trazer o nome “Morena”. Vejamos o que o intelectual e jornalista Mauro Luna respondeu a respeito de tal preferência:

Morena ou Loura? Ah! querem, por certo, saber a minha preferência a respeito...Respondo. Isso depende da sugestão do momento. De feito. Quantas vezes, com a alma aos léus da inquietante passional, não teremos visto, numa morena, linda aos nossos olhos, o supremo ideal da vida!... Quantas outras não teremos andado a fluir, com a alma de uma Loira trêfega e fascinante, sendo ela, então, o alvo de todos os nossos cuidados!...Morena ou Loira?...Pouco importa. A cor, como o todo, é apenas uma exterioridade cuja influência se faz sentir na proporção do objeto que nos inspira [...] (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N.1).

Nosso colaborador, como um escritor crítico, pareceu não se importar com a “cor” da mulher ou se ela era “bonita ou feia”. Mas, ao dá uma resposta que veio “do coração de sua alma de poeta” respondeu: “Morena ou Loira?...darei – Loira! Ou melhor; aloirada, olhos castanhos, feitos para a contemplação romântica do luar...” (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N.1). Outros intelectuais da cidade também escreveram sobre esse instigador questionamento, a exemplos de Conde de Monte Cristo, que deixou sua opinião em versos e outro de um jovem acadêmico, Aluísio Campo, que não apenas manifestou suas preferencias, mas também associou a cor da pela morena a sexualidade feminina:

[...] – Não é morena a que prefere? Diga!
– Qual a alma que, senhora, não se acanha.
De responder a inquisição tamanha?!...
Mas, eu juro por todas essas pequenas.
Que se eu pudesse... dado que me fôra,
Eu trocaria por uma só loira
Quadro milhões de tantas morenas!
(MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 12 de dez. 1932, Ano 1. N. 7, s/p).

Não é opção de côr. E’ incarnação de raça. É símbolo o que me conduz ás morenas. Do cadinho em que se formentaram os produtos éticos da Europa, África e América, começa a surgir em embrião. A mulata traz no pigmento inédito do corpo o sensualismo duma gente que anseia...No cérebro – o dinamismo do progresso... Nos lábios – o sorriso da alegria. No coração bate a pancada surda da esperança. **Morena é excitação em conjunto dos sentimentos**



heterogêneos da humanidade. Para o Brasil – é padrão (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 29 de dez. 1932. Ano 1. N.8, s/p). (grifos do jornal).

10

Não é apenas o redator e os colaboradores do jornal *Morena...Jornal das Moças* que têm preferência pela loira e/ou associam a cor da pele aos atributos físicos e a sexualidade. Gilberto Freyre já chamava a atenção para o surgimento da “moda das loiras” entre os/as brasileiros/as, através das bonecas francesas e polacas, as chamadas cocotes, introduzidas no Brasil em meados do século XIX. Segundo a autora Del Priore (2011, p. 118) “a moda da loira vai ganhar força depois da proclamação da República por diferentes razões: primeiramente, pelo ideal de branqueamento das elites, incomodadas com o mulatismo da população”.

Na década de 1920 essa divulgação do ideal de beleza da “loira” vai ser mais frequente e estimulada através dos concursos de beleza, onde coroavam as chamadas “rainhas”: “jovens, esbeltas, loiras, brancas” (SCHPUN, 1999, p.12), tendo os jornais e revistas como divulgadores de tais concursos, exibindo padrões femininos que deveriam ser seguidos por todas e todos. Tais ideais de beleza, na década de 1930, parecem ser compartilhados pela imprensa campinense, onde divulgavam moldes, cuidados com a pele, cosméticos, penteados e silhuetas para um público feminino.

Assim, percebemos que, as relações amorosas não estavam dissociadas dos ideais de beleza, do corpo sadio, loiro e branco da imagem feminino. Essa percepção do corpo feminino foi difundida em vários discursos, sejam eles médicos ou da imprensa. O conceito de higiene, neste sentido, é ampliado significando não somente higienizar os corpos, mas toda uma política voltada para as características sexuais do indivíduo. O corpo tornou-se alvo de cuidados.

Expondo maquiagens, tratamentos de pele e cabelos, as propagandas ofereciam às mulheres as soluções para suprir as deficiências da natureza ou retardar os avanços do envelhecimento. O corpo torna-se alvo de cuidados. Juntamente com esses produtos de beleza surgem os cuidados com a saúde da mulher. Medicamentos, problemas conjugais, cólicas uterinas, os remédios se multiplicam e anunciam um verdadeiro arsenal





contra as doenças que atingem e fazem adoecer um corpo que se pretende belo e saudável.

Os primeiros passos com a preocupação da beleza feminina seriam, então, o cuidado com a saúde, através de propagandas de remédios “milagrosos” como o FLUXOSEDATINA, que prometia eficácia comprovada contra “as dores e as cólicas” e as “irregularidades das funções periódicas das senhoras”. Ou o ELIXIR 914, contra uma doença que atinge o corpo da mulher, como a Sífilis, capaz de atacar todo o organismo “o fígado, o coração, a queda de cabelo”, provocando “Anemia e Abortos”. Desta forma, apareceram com mais frequência às propagandas de médicas especialistas em saúde da mulher, que atendiam em seus consultórios uma clientela feminina e infantil.

Desta feita, médicos higienistas preocupado com a higiene no casamento, davam conselhos aos casais sobre como manter um casamento saudável e feliz: “limpeza das partes para manter a frescura de sua saúde com abluções” (DEL PRIORE, 2001, p.120). Tranquilidade do local da cópula, pois ela requeria “segredo”. Deste modo, o jornal terá um papel primordial nesse ideal de beleza, divulgando os “conselhos de beleza, referindo-se as partes do corpo, aos defeitos a corrigir, aos melhoramentos possíveis e desejados” (SCHPUN, 1999, p.81).

Desta forma, compreendemos que, para uma moça que quisesse ser “cortejada” primeiramente ela teria que possuir um ideal de beleza que estivesse associado ao que a imprensa nutria: corpo esbelto, sadio e branco, evidenciando, dessa forma, seu poder de sedução. Para aquelas que não possuíam os “olhos e cabelos flor de ouro” ou um “sorriso que desabrocha em seus lábios e uma carícia que enterneci e embriaga” (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Ano I, N.1), poderia até namorar, mas certamente não receberiam declarações estampadas nas páginas do *Morena...Jornal das Moças* exaltando sua beleza.

Para essas, cuja natureza não foi tão generosa, elas poderiam recorrer àqueles arsenais de produtos de higiene e de beleza, divulgados pela imprensa campinense⁶. Mas,

⁶ Sobre os discursos e imagens produzidos sobre o feminino, com publicações de moda, conselhos sobre saúde e beleza em jornais e revistas de Campina Grande na década de 1950: SANTANA, 2012.





ao mesmo tempo em que essa mesma imprensa trouxe todos esses produtos, ela criticou os excessos e as vaidades femininas, numa certa hostilidade aos abusos e artifícios que muitas jovens utilizavam para melhorar a aparência, e valorizou a beleza natural sem artifícios cujos desejos e sensualidades eram naturais (DEL PRIORE, 2011; DINARTE, CORAZZA, 2016). Não sendo belas e sem poder abusar das maravilhas desses artigos, o que sobrava para tais mulheres as quais os poemas lacrimosos nos jornais não foram destinados a elas? Talvez elas pudessem recorrer aos passeios pela cidade.

Nas primeiras décadas do século XX, com o aparecimento cada vez mais frequentes de lojas chiques, cafés, praças, jardins, as sociabilidades foram aumentando e com elas às facilidades do namoro. Para Del Priore (2006, p. 277) era nestes lugares que se proporcionava o “primeiro comércio de olhares, aparentemente casuais, de sorrisos e de gestos significativos”.

Desta forma, viabilizando essas análises para as nossas questões, percebemos também que os passeios foram os principais meios para o primeiro contato visual entre moças e rapazes campinenses e, conseqüentemente, flertes e namoros. Foi assim que entrou em cena o *Morena...Jornal das Moças*, à época útil para muitos casais, pois podiam contar com a ajudinha desse impresso para exprimir publicamente emoções, facilitando assim a comunicação e os encontros entre os apaixonados que desejassem expressar o amor através de recadinhos e poemas.

Assim, para esse jornal, namoros e flertes foram notícias constantes que aparentemente despertaram o interesse do público leitor e que se correspondia com a equipe editorial para publicar “novidades” sobre relacionamentos da elite campinense. Para tanto, a seção *Verdades e Mentiras*, dentre outras, foi reservada para as fofocas e os murmurinhos sobre essas relações:

- Que Enio Azevedo gostou de C.C. é *verdade*, mas que essa se tornou uma paixão recolhida, é *mentira*.
- Que Adamastor Borges namora com Alice Ferreira é *verdade*, mas que todos os dias lhe manda um cravo, é *mentira*.
- Que Aluizio Campos namora com Carminha, é *verdade*, mas que ele também namora com a linda Independencia Loira do prensa, é *mentira*.





- Que Alcides Vieira, namora com Ida Pedrosa, é *verdade*, mas que Lourdes Lima disse que este namoro não vai longe, é *mentira*.
(grifos no original) (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 1932, Campina Grande, Ano I, N. 2, s/p).

Em outra matéria, presenciamos outros rumores com relação ao casamento, onde o rapaz apaixonado mandou o seu recado para sua amada através do jornal e esse, como tal, não deixou de expressar suas impressões sobre o ocorrido, sempre de uma forma cômica:

VAE CASAR

Recebemos, com pedido de publicação, do sr. Pedro Egyto (que faz corrado (*sic*) questão do incógnito, a estrophe abaixo.

A QUEM ME ENTENDE...

Muito gentil senhorinha,
Peço-te muita atenção,
Pois esta proposta minha,
É feita de coração!

Esta vida de solteiro,
Para mim é só tormento!
Por isso, bem prosenteiro,
Vou te propor casamento!

P.S- Responder para *teu* Pete,
Caixa Postal, 17.

Pasmem nossos emburrados celibatários!

(MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 28 de dez. 1932, Ano. 1. Num. 7, s/p)
(Grifos do jornal).

Se os rapazes exprimiram seus desejos e atrações através do jornal, não percebemos isso acontecer entre as moças, apesar do jornal direcionar suas publicações preferencialmente para elas. Aquelas que escreviam e assinavam seus nomes no jornal expressavam um amor romantizado e/ou posicionados em entrelinhas, mas quase sempre eram anônimas e/ou registrando seus escritos através das iniciais de seus nomes. Para aquelas foi reservada a coluna regular “Pensamentos”:

Pensamentos

O ciúme é a maior prova do amôr. O amôr sem ciúme é amizade. Ida Pedroza. Viver sem amor é como querer sem poder. Silvia Gouveia. O amôr é um processo ao qual são poucos os réus que o respondem. Euná Paiva. Amôr e sofrimento são sinônimos. Beatriz Saldanha. A vida sem o amôr é como o aroma sem a flôr Jandira Oliveira. (MORENA...JORNAL DAS MOÇAS, 29 de dez. de 1932. Ano 1, N. 8, s/p).





Essa pouca exposição no jornal pode estar relacionada à repressão sexual ao qual estiveram submetidas que, de acordo Del Priore (2011, p.118), remetia aos conhecimentos sobre sexo, que não era nem ao menos pronunciado, e que “[...] saber alguma coisa ou ter conhecimento sobre a matéria fazia com que elas se sentissem culpadas. Tal distanciamento da vida real criava um abismo entre fantasia e realidade”.

Tal fantasia pode ser expressada através dos poemas e recadinhos amorosos que encontramos no jornal *Morena...Jornal das Moças*, aos quais os/as envolvidos/as mais do que concretizar seus “namoros” fantasiaram amores platônicos. Desta feita, os desejos que as moças e os rapazes despertavam uns nos outros eram quase sempre pueris, como podemos perceber à primeira vista, impressos pelo jornal e requisitado por apaixonados/as “bem intencionados/as” ou que preferiam idealizar um romance à distância, onde não encontramos poemas libertinosos ou mais audazes.

Entretanto, sejam eles/elas poetas/poetizas anônimos/as e/ou apaixonados/as, o que se vê nesse jornal é o amor versado por moças e rapazes, que buscaram ensinar suas atrações físicas e emocionais em rimas, na tentativa de projetar os seus sentimentos publicamente, levando, desta forma, a transformar as práticas amorosas em formas mais espontâneas, onde puderam expressar o que sentiam, ainda que através de algumas palavras impressas.

4 Considerações finais

Quando propomos essa discussão, sobre os namoros no universo jornalístico, encontramos a imagem feminina de beleza, corpo sadio, branco e loiro vinculada aos produtos de higiene e cuidados com a pele. Desta forma, este artigo manifestou o desejo de pensar os estereótipos que (re) criaram a imagem feminina associada as suas relações amorosas.

Para tanto, pensar que essas moças, “casadoiras” e /ou “moças de família” tiveram suas histórias, e que suas relações amorosas foram destaque nas matérias do jornal *Morena...Jornal das Moças*, nos ofereceu inspiração para que possamos alcançá-





las em outros lugares e tempos, readaptando-as em outros discursos. Assim, merecem um olhar mais aguçado, além do que desenvolvemos, para que tais questões possam ser ampliadas, entrecruzando outras fontes além desse jornal.

Referências

15

ARAÚJO, Aldevane de Almeida; SOARES, Emanuel Luis Roque. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2019.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628> Acesso em: 10 mar. 2020.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. IN: PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

CAVALCANTE, Silêide Leila Oliveira. **Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes - Campina Grande 1930-1950**. Recife-PE, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2000

CAXILE, Carlos Rafael Vieira. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza Práticas Educativas, Memórias e Oralidades- **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599> Acesso em: 10 mai. 2020.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. *Urbanidade, modernidade e cotidiano na Parahyba do início do século XX*. In: ABRANTES, Alômia. SANTOS NETO, Martinho Guedes (orgs.). **Outras histórias: cultura e poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DINARTE, L. D.; CORAZZA, S. Espaço poético como tradução didática: Bachelard e a imagem da casa. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 135-148, 2016.





Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/105> Acesso em: 13 mar. 2020.

FANTIN, Monica. Educação, aprendizagem e tecnologia na pesquisa-formação. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.2, n.6, p. 87-100, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/161> Acesso em: 10 fev. 2020.

16

GUIMARÃES NETO. Regina Beatriz. Espaços e tempos intercruzados na história: práticas de pesquisa e escrita. In: Montenegro, Antonio Torres. História, Cultura e sentimento: outras histórias do Brasil. Recife/ PE: Editora Universitária da UFPB, 2008.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

MINOIS, George. História do riso e do escárnio. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em Jogo: Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo, Editora: Boitempo, 1999.

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. **“Belas, Elegantes e maternais”**: imagens do feminino e jogos discursivos na imprensa campinense (1945-1959). Guarabira-PB, 2012. Monografia (Especialização em História Cultural). Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, 2012.

SEVERINO, Gilmária Salviano. **Assustadoras histórias de mulheres**: um inventário de imagens e discursos na imprensa campinense (1960/1970). Campina Grande, 2006. Monografia (Graduação em História). Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande-PB, 2006.

SYLVESTRE. Campina Grande. 10 novembro. 2013.

SOARES, C.; VIANA, T. Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 140-158, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96> Acesso em: 15 abr. 2020.

SOUSA, Fabio Gutenberg Ramos Bezerra. **Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.





SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres permitidos, Prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Pernambuco, Recife-PE, 2002.

ⁱ **Ajanayr Michelly Sobral Santana**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8727-1871>

Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação.

Doutorada em Educação (UFPB), Mestre em História (UEPB), Especialista em História Cultural (UEPB), Licenciada em História (UEPB) e Pedagogia (UNINTER), Sócia Efetiva do Instituto Histórico de Campina Grande – IHCG.

Contribuição de autoria: realizou seu TCC, o qual deu base para o artigo; realizou desde o planejamento da pesquisa até a catalogação dos jornais, assim como na redação do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0085215128380946>

E-mail: mimysobral@gmail.com

ⁱⁱ **Charliton José dos Santos Machado**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4768-8725>

Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação.

Professor titular da UFPB e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Pós-doutorado em Educação (UNICAMP). Doutor em Educação (UFRN). Mestre em Sociologia (UFPB), Licenciado em Ciências Sociais (UFPB).

Contribuição de autoria: apoio no planejamento do estudo. Orientou nas análises bibliográficas e na redação final do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2036729143677618>

E-mail: charlitonpq@cnpq.br

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Como citar este artigo (ABNT):

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral; MACHADO, Charliton José dos Santos. Entre *Arminhos e Orquídeas: As Relações Amorosas no Jornal Morena... Jornal das Moças*. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-17, 2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3771>

